



## **Duas Linhas para a Caracterização do Mito em Homem-Aranha: Barthes e Campbell<sup>1</sup>**

Jean Machado SENHORINHO<sup>2</sup>

Juliana PETERMANN<sup>3</sup>

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

### **Resumo**

O trabalho propõe a caracterização do mito em Homem-Aranha, a fim de demonstrar a complexidade da mensagem nas histórias em quadrinhos (HQs) e aprofundar os estudos no campo da comunicação. Os processos para evidenciar a mitificação do personagem são realizados com base na semiologia de Barthes e no monomito para Campbell. O artigo é o primeiro passo para tensionamentos acerca da presença do mito em nossas vidas, a partir das histórias em quadrinhos de super-heróis. O mito serve como modelo de conduta e (des)organizante social. Ele oferece um guia moral para a sociedade encontrar-se, mas também naturaliza a história; o que pode se revelar oportuno para certos sistemas ideológicos. Em movimentos vindouros, as pontas soltas (moral, ideologia e psicanálise) deixadas pelo artigo serão tecidas para a construção de outros trabalhos.

**Palavras-chave:** comunicação; histórias em quadrinhos; homem-aranha; monomito; semiologia.

### **Introdução**

A caracterização do mito presente no herói contemporâneo, Homem-Aranha é o enfoque do trabalho. Para tanto, duas abordagens distintas serão empregadas: a semiologia de Barthes (2006) e o monomito para Campbell (2007). A obra de Barthes demonstra como os mitos são criados, a partir de um sistema de significação. A sua perspectiva crítica a naturalização da história, promovida pelo processo de formação dos mitos. Já a visão de Campbell, reforçada pela psicanálise, disponibiliza a jornada do herói ou monomito; ao passo que demonstra o teor universal da mitologia e a sua

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 30 de maio a 01 de junho de 2013.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFSM. Bolsista do PET Comunicação da mesma universidade. Email: [jeansenhorinho@yahoo.com.br](mailto:jeansenhorinho@yahoo.com.br).

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora Adjunta do Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Universidade Federal de Santa Maria. Tutora do PET Comunicação da mesma universidade. Email: [jupetermann@yahoo.com.br](mailto:jupetermann@yahoo.com.br)



relevância para a vida humana. Em suma, tem-se o contraste de duas percepções sobre o mito: a histórica e a onírica.

Alguns irão questionar qual a serventia de um estudo a respeito do Homem-Aranha, portanto cabe uma breve explicação. É corriqueiro, entre os estudiosos das histórias em quadrinhos (HQs), um resgate histórico, que justifica o estudo das HQs, dadas a riqueza das suas narrativas na ordem social e as aplicações da própria linguagem para propósitos educativos. No entanto, neste trabalho a explicação será observada de acordo com a necessidade de aprofundarmos o estudo dos quadrinhos na área da comunicação.

Os mitos servem de modelo para a sociedade desde épocas remotas, portanto, possuem uma importante função (des) organizadora para a humanidade. “Mas o que se deve estabelecer solidamente desde o início é que o mito é um sistema de comunicação, uma mensagem”, assinala Barthes (2006, p.199).

Assim, além da compreensão comum de que as produções de histórias em quadrinhos dependem de profissionais capacitados, meios de reprodução em massa, mecanismos de distribuição e, claro, de consumidores; inclui-se o tensionamento sobre a mensagem vinculada por esta mídia. Não consumimos apenas as narrativas dos super-heróis, mas também os mitos que lá se encontram. Também se assume que o sucesso dos mitos depende da sua repetição e perpetuação; as quais só são possíveis, a nível global, através do processo comum observado acima.

O estudo parte da origem, isto é, os quadrinhos, para apreender o mito no embrião; mas tem-se em mente que os licenciamentos levaram a dimensão do objeto para um panorama inapreensível. Basta constatarmos o alcance de público gerado pelas salas de cinema e quinquilharias de toda ordem. Também está claro que o Homem-Aranha, antes de compor o próprio mito, foi composto por mitos de presença ancestral e por mitos montados ao longo da nossa história.

O super-herói aracnídeo servirá de exemplo, dado o seu sucesso inegável e a sua presença marcante na infância do autor deste artigo.



## A Primeira História

Antes da apresentação das perspectivas apontadas na introdução, a primeira história do Homem-Aranha será resumida abaixo, a partir da obra de Jenkins e Rivera (2009). O objetivo é criar uma referência textual para as considerações vindouras; além de situar o leitor que desconhece a narrativa.

Antes de se falar do incrível Homem-Aranha, deve-se introduzir o pacato Peter Parker. O jovem Parker não é exatamente o aluno mais celebrado da escola; ele é o estereótipo do nerd com intelecto precoce, mas sem habilidades sociais. Obviamente, Peter é perseguido por um valentão do colégio, um atleta — Flash Thompson. O hoje difundido *bullying* tem espaço de grande relevância na obra de Stan Lee e Steve Ditko, que foi publicada em 15 de agosto de 1962. Por isso, conforme Marny (1970, p.160), o Homem-Aranha é o super-herói favorito entre os estudantes.

Após o dia típico de chateação escolar, Peter Parker retorna para uma casa simpática em Forest Hills, Nova Iorque (EUA). Para a refeição do dia, Ben e May Parker, seus tios, o aguardam. Peter é órfão, desde que os pais morreram em um trágico acidente de avião. A apatia do rosto do adolescente de 15 anos não passa despercebida pelo Tio Ben. Questionado o garoto conta sobre a insuportável rotina de provocação na escola. O tio do garoto explica que os provocadores o fazem por medo do intelecto de Peter.

O jovem fica animado e já divaga sobre como utilizar a sua genialidade para construir um pulverizador de “Flashes”. Mas Tio Ben adverte: “Com grandes poderes, vem grandes responsabilidades”. Esta potente sentença moral é o coração de toda a trama do Homem-Aranha.

Contente o garoto retoma a rotina. Na sequência da história, Peter participa de uma excursão escolar a um instituto de pesquisa; ocasião em que se destaca tanto pelas considerações, quanto pelos deboches sofridos. Eis que algo totalmente inesperado acontece, uma aranha radioativa pica o corpo de Parker. As consequências apareceram mais tarde.

Na volta para casa, ainda um pouco tonto, ao atravessar a rua Peter quase se converte em uma vítima do trânsito; mas reflexos sobre-humanos evitam o acidente. De



repente, o jovem percebe ser capaz de escalar paredes e detentor de uma força esmagadora — posteriormente, desenvolverá lançadores de teia. Após se acostumar com a nova condição, o garoto “faz o que qualquer norte-americano que preze faria em sua situação. Imagina como usar suas habilidades recém-descobertas pra ganhar dinheiro”. Em pouco tempo, Peter Parker, disfarçado pela fantasia do Aranha, já é astro da televisão e os seus tios podem até se dar o luxo de planejar uma viagem para o exterior.

Contudo, o *show business* é um meio cruel. Encerrada uma apresentação, o patrão de Peter não paga o combinado e ainda conta vantagem. Ora, isto é moralmente imperdoável. No mesmo instante, um batedor de carteira atravessa o pátio e rouba o dinheiro do patrão ganancioso. Peter poderia pará-lo, mas cada um tem os seus problemas — e o mal pagador bem que mereceu. Horas depois o mesmo bandido — o batedor, não o patrão — acabara com a vida de um senhor que planejava viajar com a esposa. Ben Parker está morto.

Ao chegar à residência dos Parker, Peter ouve de um policial sobre o latrocínio e onde o criminoso está encurralado. Com os trajes do Aranha, o jovem vai até o cerco e agarra o bandido e com as próprias mãos pensa em fazer justiça, mas: “Com grandes poderes, vem grandes responsabilidades [até com os infratores]”. O Homem-Aranha entrega o assassino para a polícia e comovido pela culpa decide cumprir com os seus deveres para com a comunidade. Aí começa uma história cheia de vilões, romances, ressentimento, morte e renascimento.

### **A cosmovisão de Campbell**

Para Campbell (1999, p.17), tornar-se modelo de vida é o pré-requisito para um indivíduo ser deslocado a uma esfera, onde possa ser mitologizado. Neste ponto, a pesquisa desenvolvida por César, Freire e Yamamura (2010), através de questionários *online*, prova que o Homem-Aranha é um modelo de vida para os seus leitores. Principalmente em relação às decisões morais ou ao “agir certo”. A pesquisa de César, Freire e Yamamura (2010, p.12) aponta que os problemas de ordem pessoal foram os mais citados como motivos para identificação com o personagem. Porém, as características mais destacadas do herói foram: ética (84%); preocupação com a violência urbana (75%); preocupação com amigos e familiares (72%).



Consoante Campbell (2007, p.36), o percurso padrão da aventura mitológica do herói está manifesto pela fórmula: partida-iniciação-retorno. O herói que vem do cotidiano se aventura em uma região sobrenatural, onde encontra forças fabulosas e obtém o triunfo; para então retornar e compartilhar os benefícios com os seus semelhantes. A partir de agora, o Homem-Aranha será incluído nas fases arquetípicas do monomito.

O primeiro motivo típico do monomito é o *chamado da aventura*. Tudo começa com um erro, aparentemente um mero caso, que revela um mundo inimaginável, no qual o indivíduo participa de uma relação de forças incompreensíveis (CAMPBELL, 2007, p.60). O erro de Peter Parker foi não parar o batedor de carteiras, mas também seria possível tomar o episódio da picada da aranha como o gatilho da aventura.

Daí em diante, a vida do pacato adolescente se transformou e ele adentrou em uma realidade paralela a do seu cotidiano, que é permeada por seres fantásticos, cujos poderes são pouco compreendidos. A voz do chamado é a ressonante sentença do Tio Ben: “Com grandes poderes, vem grandes responsabilidades”. Tio Ben é o arauto da história. A sua mensagem só faz sentido depois da sua morte. O arauto costuma ser aterrorizante (CAMPBELL, 2007, p.62), mas no caso o terror é a lembrança do seu fim trágico. Opera-se uma mudança no herói, que abandona velhos conceitos, ideais e padrões emocionais; ele amadurece, está pronto para a vida adulta, para o momento da passagem do limiar (CAMPBELL, 2007, p.61).

Entretanto, Peter Parker não acolheu ao chamado de primeira, visto que a sentença moral foi proferida antes do erro. O erro é reflexo de uma decisão moral equivocada associada a uma má sorte moral. A *recusa do chamado* é outro elemento recorrente. A recusa é renunciar o que a pessoa considera interesse próprio (CAMPBELL, 2007, p.67), no caso de Peter foi a vingança. O castigo subsequente é providencial para revelar o princípio de liberação (CAMPBELL, 2007, p.70). A morte do Tio Ben foi o castigo, mas também a ocasião decisiva para a transformação de Peter.

A *passagem pelo primeiro limiar* é o próximo episódio da aventura. O herói guiado pelo seu destino segue até chegar ao guardião do limiar, “na porta que leva à área da força ampliada” (CAMPBELL, 2007, p.82). A pessoa comum fica contente em permanecer dentro do limite, dar vazão ao seu orgulho. Na HQ do Aranha, o guardião



do limiar é o criminoso, que, sem saber, carrega a chave para a vida heroica de Peter. A decisão “matar ou não matar” o criminoso é o par de opostos, equivalente às rochas gregas em colisão (Simplégades), “que esmagam os viajantes, mas pelas quais os heróis sempre passam” (CAMPBELL, 2007, p.90). Peter passou pelas Simplégades com louvor e conquistou o direito de pisar o “outro mundo” como o herói redentor.

Na África central, há a lenda sobre um meio-homem que diz para a pessoa que o encontrar “Já que você me encontrou, vamos brigar”. Se a aparição perder, ela implora pela vida e em troca da piedade transforma o vencedor em um grande médico. Mas se ela vencer, sua vítima morre (CAMPBELL, 2007, p.83). Peter venceu a aparição e deixou-a viver, adquirindo a aura do herói. A grande derrota seria optar pelo caminho da morte; abandonar a herança restante do seu tio. Transposta a barreira do limiar, o herói encaminha-se para a esfera do renascimento. Geralmente, ele é engolido por outra criatura. Não por acaso, este episódio é conhecido como o *ventre da baleia* (CAMPBELL, 2007, p.91).

Nesta passagem, inicialmente, a tarefa de aproximação com a aventura do Homem-Aranha pareceu improvável. Qual criatura teria engolido Peter Parker? Após recorrer à criatividade, chegou-se a conclusão: a aranha. A própria fantasia do Homem-Aranha é a segunda pele que envolve (engole) Peter Parker. O *ventre da baleia* corresponde a um episódio de transformação e renascimento; assim ocorre quando o jovem Parker veste o seu ornamento sagrado (MARNY, 1970, p.124).

Encerrada a fase da partida, começa a *iniciação*. O herói adentra em uma paisagem onírica, onde deve encarar uma sucessão de provas. Esta é a principal fase do mito-aventura (CAMPBELL, 2007, p.102). O equivalente ocorre com Peter Parker, que a partir deste ponto começa a enfrentar super-vilões, participar de romances e conviver com outros super-heróis. Ficou-se restrito aos fatos mais marcantes e celebrados da grande aventura do Homem-Aranha. Para termos uma vaga noção, só no site da Marvel — empresa responsável pelas publicações do herói — constam 2.581 HQs relacionadas ao personagem aracnídeo (MARVEL, 2013).

O primeiro episódio corresponde ao *encontro com a deusa*. “Ela é o modelo dos modelos de perfeição, a resposta a todos os desejos, de onde provêm as bênçãos da busca terrena ou divina de todo herói” (CAMPBELL, 2007, p.112). Apesar de nerd e



tímido, Peter não teve poucos envolvimento amorosos. Mas duas mulheres merecem destaque: Gwen Stacy e Mary Jane.

As duas “deusas” do Homem-Aranha são marcantes na trama, portanto torna-se difícil escolher a definitiva. Gwen foi a primeira grande paixão de Peter, que teve um fim trágico ao ser jogada de uma ponte pelo arqui-inimigo do Aranha, o Duende Verde. O Homem-Aranha tentou, mas não conseguiu salvá-la; mais um motivo para torná-lo amargurado. Peter não estava pronto para obter a bênção do amor (CAMPBELL, 2007, p.119).

Após uma série de encontros e desencontros, Peter Parker encontrou o *amor fati* em Mary Jane, com quem chegou a ser casado. “O casamento místico com a rainha-deusa do mundo representa o domínio total da vida por parte do herói” (CAMPBELL, 2007, p.121). Outro episódio típico é a *mulher como tentação*. No caso da aventura do Aranha, o exemplo mais evidente corresponde a Felícia Hardy, ou melhor, à glamourosa Gata Negra.

Contudo, a iniciação só será plena caso o herói encontre a *sintonia com o pai*. No caso de Peter, a sua figura paterna é o Tio Ben. Para “fazer as pazes com ele”, deve renovar a sentença moral a cada batalha até aceitá-la sem hesitação de caráter. A outra parte da pacificação é abandonar “o problemático monstro autogerado [...] mas essa ação requer o abandono do apego ao próprio ego, e aí reside a dificuldade” (CAMPBELL, 2007, p.128).

O mistagogo (pai ou pai substituto) só coroa o filho capaz de abandonar a necessidade de autoengrandecimento, a preferência pessoal e o ressentimento (CAMPBELL, 2007, p.133). Quando o herói crescer o bastante, ele entende que a tragédia está incluída na vida e as agonias passam a ser encaradas sem pesar (CAMPBELL, 2007, p.144). Esta fase é a crucial da aventura de Peter Parker, do Homem-Aranha, para a transformação em herói sublime. As dificuldades estão expressas “nos abandonos de carreira” que Peter faz, mas a ressonante sentença moral sempre o traz de volta para o caminho do herói.

Ao se tornar livre de todo o temor, Peter Parker aniquila a consciência e alcança a mudança: o potencial liberador que todos podem alcançar (CAMPBELL, 2007, p.145). Esta fase é a *apoteose*, quando o herói abdica do próprio eu. Por fim, apresenta-



se a *benção última*, o momento da invencibilidade; quando, finalmente, o herói conquista o tesouro dos deuses. O maior brilho conquistado por Peter, seguramente, é a esperança na criação de um novo dia; uma nova oportunidade de viver. Depois do triunfo, o herói deve retornar para a sociedade com os despojos obtidos para completar o ciclo do monomito (CAMPBELL, 2007, p.195) .

Inicia-se o *retorno da aventura*, no caso das narrativas do Homem-Aranha, o ciclo não ocorre uma vez em toda a série. Seria uma tarefa sobre-humana recuperar todas as ocorrências, por isso o caráter mais geral da abordagem proposta. No caso do Aranha, ele não se nega a retornar para a sociedade, mas há casos de monomitos, nos quais o herói hesita em realizar o retorno. Caso o herói decidir voltar, mas “o troféu tiver sido obtido com a oposição do seu guardião” (CAMPBELL, 2007, p.198), inicia-se uma perseguição. A situação é frequente, já que os guardiões costumam ser vilões; durante muito tempo os antagonistas não param de reaparecer no encalço de Peter Parker.

A *passagem pelo limiar do retorno* completa a jornada do herói, seu retorno parece com a volta do além (CAMPBELL, 2007, p.213). A benção é dissolvida com velocidade e “aumenta em muito a necessidade de outro herói [ou ato heroico] para renovar a palavra” (CAMPBELL, 2007, p.214). O primeiro problema do herói é retomar a vida normal, após ter enxergado o maravilhoso (CAMPBELL, 2007, p.215). A capacidade de ir e vir pela linha que divide os mundos (cotidiano e fantástico) é um valor do herói, o senhor dos dois mundos (CAMPBELL, 2007, p.225). No caso do Aranha, o questão mais problemático é a contaminação dos princípios de um mundo com o do outro; vide a questão de Peter utilizar a visão privilegiado dos combates fantásticos para bater fotos comercializáveis.

“O último ato da biografia do herói é a morte ou partida. Aqui é resumido todo o sentido da vida. Desnecessário dizer, o herói não seria o herói se a morte lhe suscitasse algum terror; a primeira condição do heroísmo é a reconciliação com o túmulo” (CAMPBELL, 2007, p.339)..

### **O mito e a significação**

O semiólogo Barthes (2006, p.199-201) considera o mito uma fala. A imagem é incluída no termo “fala”, quando ela se transforma em escrita; isto ocorre a partir do



momento em que ela é significativa e exige uma *lexis*. Assim, o autor entende que toda unidade ou toda síntese significativa são discursos, *falas*, etc.; quer sejam verbais ou visuais. A definição genérica está justificada pela história da escrita. Por exemplo, os pictogramas eram falas correntes. O autor adverte que a fala mítica não deve ser tratada como a língua, já que o mito depende da semiologia, que é extensiva à linguística. O mito é um *sistema de comunicação*. Ele não se define pelo objeto da sua mensagem, mas pela maneira como a profere. Mais adiante a diferença ficará mais clara.

A parte fundamental para o entendimento da teoria de Barthes está na proposta no sistema semiológico — que tem por base o sistema saussureano — formado por: significante, significado e signo. Barthes (2006, p.203) fornece um exemplo simples do encadeamento entre esses termos. Tomando uma rosa (significante), associa-a com a paixão (significado); o resultado será rosa “passionalizada” (signo). O significante é vazio, mas ao ser preenchido com o significado transforma-se em um signo pleno, completo.

A partir de agora, o objeto de estudo do trabalho, isto é, o mito do Homem-Aranha, será demonstrado pelo sistema semiológico dado por Barthes; respeitando as especificidades do objeto e acrescentando reflexões. Consoante Barthes (2006, p.205) o sistema semiológico do mito é mais complexo. Em primeiro lugar, o mito é composto por duas cadeias semiológicas.

A *primeira cadeia* é a da língua ou linguagem-objeto. “Uma imagem (de ordem psíquica) de um desenho com traços e cores, que compõem um corpo humano particular, vestindo um uniforme vermelho e azul particular” - ou seja, a imagem “Homem-Aranha” - é o *significante* desta primeira cadeia. Enquanto, o conceito “Super-herói das histórias em quadrinhos com poderes aracnídeos [...] denominado de Homem-Aranha” - ou melhor, o conceito “Homem-Aranha”- é o *significado*. As reticências entre parêntesis indicam a biografia, as características e as narrativas do personagem mobilizadas por quem executa a significação. É importante ressaltar que quem não possui o conceito “Homem-Aranha” (significado) só vai enxergar um desenho com outro sentido [...]. O *signo pleno* ou o *sentido* desse encadeamento é a identidade “Homem-Aranha”. Este signo é literal e estritamente linguístico, já está pronto, ele basta por si só.



Já temos o primeiro sistema formado:

LÍNGUA	1. Significante (imagem “Homem-Aranha”)	2. Significado (conceito “Homem-Aranha”)
	3. Signo ou Sentido (identidade “Homem-Aranha”)	

A *segunda cadeia* é a do mito ou metalinguagem. O signo pleno resultante no encadeamento acima será o primeiro termo (significante) da segunda cadeia, mas antes ele passa por uma mudança. O conceito do Homem-Aranha (significado) recua e fica mais afastado do signo. Todos os componentes e valores próprios do sentido recuam, deixando um espaço vazio a ser preenchido. Neste movimento, o sentido torna-se forma; tem-se novamente um *significante* vazio. Contudo, o esvaziamento não elimina por completo o sentido, apenas deixa-o em suspenso. O signo primeiro torna-se significante de um signo segundo.

Agora, precisa-se de um *novo conceito (significado)* para preencher o vazio e possibilitar a significação. Entretanto, dessa vez o conceito não será de ordem objetiva, portanto será frágil e movediço. Quem o significa (o indivíduo) recorre ao seu repertório, à sua bagagem cultural, ao seu conhecimento da situação e à sua sensibilidade para conceituar a forma.

Supondo três indivíduos, para exemplificar - de modo vago e instrumental - as variações de conceitos aplicáveis a um mesmo significante têm: “A”: Professora de Filosofia Moral, com alguma experiência em leitura de quadrinhos; “B”: Homem que lê quadrinhos desde a infância e tem preocupações com questões bioéticas; “C”: Leitor de quadrinhos indignado com a criminalidade e que enxerga na força uma saída razoável para os problemas.

“A” mobiliza os conceitos (significados) de “moralidade” e de “capitalismo” para chegar à conclusão (significação) de que o Homem-Aranha sofre as pressões de um sistema egoísta e que as suas decisões morais no episódio da morte do Tio Ben são bons exemplos dessas pressões. “B” mobiliza o conceito (significado) de “bioeticidade” e de

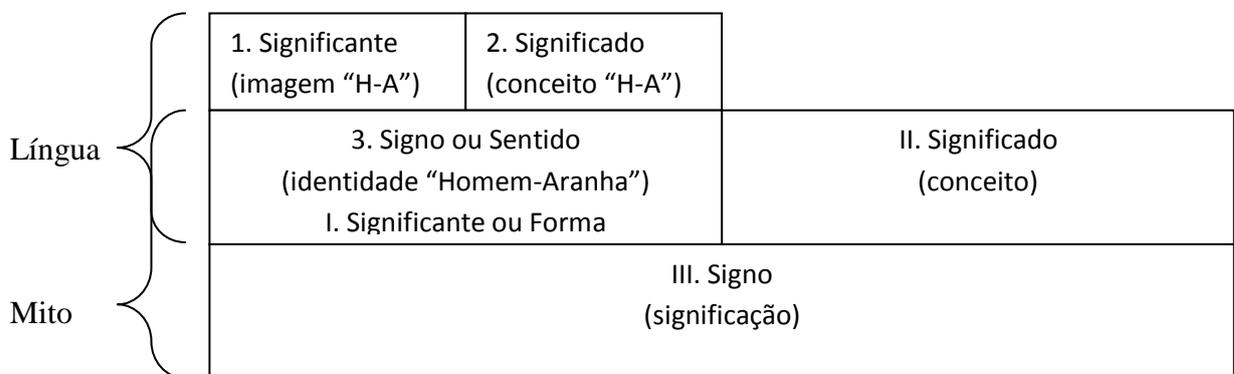


“progresso” para chegar à conclusão (significação) de que as histórias do Homem-Aranha demonstram como a ciência é capaz de criar problemas (vilões), mas também soluções (heróis). “C” mobiliza o conceito (significado) de “justiça” e de “heroísmo” para concluir (significação) que a solução para acabar com o crime são iniciativas individuais de heroísmo, ou ainda, que a solução é agredir os criminosos até o “bem” triunfar.

O sucesso do mito está ligado ao número de vezes em que é repetido e reproduzido na sociedade. Não se trata de uma instância restrita ao indivíduo; apesar de que cada um terá uma maneira singular de processar o mito. Também é importante explicar que o Homem-Aranha comporta mitos diversos, ao passo que se apropria deles para construir o seu próprio. Portanto, apesar de “A”, “B”, “B”, “C” verificarem mitos diferentes, eles convergem para uma referência mítica comum: o Homem-Aranha.

Entretanto, estes conceitos podem ser aplicados a outros significantes. A proporção quantitativa de significantes é bastante superior à de significados, por isso muitas vezes os analistas recorrem a neologismos, já que não dispõem de conceitos suficientes; conforme Barthes (2006, p.212) deixa claro. Isto explica o fato de nomearmos um conceito de “bioeticidade”, ao invés de algo mais genérico; “responsabilidade”, por exemplo.

Abaixo, o sistema semiológico do mito em Homem-Aranha:



Contudo, conforme Barthes (2006, p.212-218), o significante e o significado do sistema mítico não são de fato idênticos e encerrados na sua ligação; a sua relação é de equivalência e não de igualdade. A relação entre o significante e o significado no



sistema linguístico parece natural e espontânea; enquanto no sistema do mito a relação é motivada, portanto intencional.

A significação do sistema mítico acaba por se sustentar em analogias. Neste ponto, o sistema fica vacilante entre uma face plena (sentido) e uma face vazia (forma), uma espécie de: ele não é, mas passa a ser. O sentido nunca deixou de existir, a forma apenas distancia o sentido, para que esta possa receber outro conceito (significado). Assim, o novo conceito distorce o sentido, a partir da relação de equivalência com a forma esvaziada (significante). O sistema não consegue encontrar um encerramento, porque o mito é um valor, portanto não há uma verdade que possa sancioná-lo.

Ao propositalmente enxergar forma e sentido como objetos distintos, torna-se possível quebrar a dinâmica do sistema e perceber a contradição entre eles; desse modo se passa da situação comum de leitor do mito para a de mitólogo. A linguagem-objeto é separada da metalinguagem; a contradição fica clara. O literal e a metáfora são distinguidos.

É importante retomar a ideia de Barthes a respeito da analogia corrente na significação mítica. A analogia é fornecida pela história, portanto está condicionada a um fator de tempo-espaço. Também cabe salientar que a relação analógica entre sentido e conceito é parcial, portanto a forma preserva alguns análogos, ao passo que renuncia muitos.

Ao concluir as suas considerações sobre a significação, Barthes (2006, p.219), enfim, explica por que o mito é ameaçador no ponto de vista ético. Historicamente, o ideograma abandonou pouco a pouco o seu conceito para se associar ao som (significante linguístico). Ele toma o mito como um sistema ideográfico puro, em que as formas são motivadas pelo conceito que representam; mas incapazes de representá-los totalmente. É bom lembrar que a analogia é parcial. E se o parcial passa a ser a forma em si, um ponto de vista se torna privilegiado em detrimento de outros. Por exemplo, uma bandeira (forma/significante) motivada pelo conceito (significado) “poder”, mas incapaz de cobri-lo totalmente, torna-se arbitrariamente o “poder”; torna-se imotivado, praticamente natural. As nuances do sistema mítico ficam mais evidentes na classificação de Barthes (2006, p.219-220) da leitura do mito em três tipos, de acordo com um critério de focalização.



A *primeira* ocorre quando o foco está no significante linguístico. O sistema será simples, uma significação literal. Parte-se de um conceito para procurar um significante adequado. Exemplos de usuários desta leitura são: o produtor de mitos; o redator de imprensa. A *segunda* concentra o foco no sentido, o signo pleno do sistema linguístico. Neste caso, o leitor distingue o sentido da forma; percebe a deformação do mito; destrói (desmitifica) a significação do mito. Exemplo: o mitólogo ou analista do mito. A *terceira* acontece se o foco está na forma, o significante do mito. O leitor não faz distinção, porque não consegue diferenciar o sentido e a forma. Exemplo: o leitor comum do mito. Anteriormente, para explicar a significação do mito, três exemplos (“A”; ”B”; ”C”) de leitores virtuais foram dados; percebe-se agora que todos correspondem à terceira forma de ler. Concentrados na forma, eles enxergam a representação como um fato, uma evidência.

Em seguida, o autor acentua as características dos tipos de leitura. A primeira e a segunda são de ordem estática e analítica. A *primeira* é intencional, mas carregada de imprudência e espontaneidade. Já a *segunda* tem caráter desmistificador, porque desmascara o mito. A *terceira* acolhe a estrutura do mito tal como ela se pretende: uma história, ao mesmo tempo, verdadeira e irreal.

“A elaboração de um *segundo* sistema semiológico [o mítico] vai permitir que o mito escape ao dilema: obrigado a revelar ou liquidar o conceito, *naturaliza-o*” (2006, p.221). O dilema reside na impossibilidade do mito ser internalizado em dois casos extremos: o primeiro é não ser entendido e o segundo é o de ser desmascarado. Ao invés de optar por um dos casos, o mito encontra outro caminho, isto é, naturalizar o conceito.

O autor já havia introduzido o raciocínio no exemplo do ideograma. Assim, chega-se ao princípio do mito: transformar a história em natureza. “É por isso que o mito é vivido como uma fala inocente: não porque as suas intenções estejam escondidas (se o estivessem não poderiam ser eficazes), mas porque elas são naturalizadas” (2006, p.223).

### **Um breve intercurso**

Os contrastes das duas abordagens ficam evidentes no escopo do trabalho. Se para Barthes, o mito ofusca a realidade e acaba por naturalizar a história; para Campbell o mito leva os indivíduos para um caminho libertador, em direção à essência das coisas.



Entretanto, por uma pequena lacuna ainda obscura, as duas perspectivas podem fornecer outro viés. Consoante Campbell (2007, p.244), o mito tem poesia. Além do mais, o seu fim consiste no retorno para a essência. Barthes (2006, p.225-226) explica que a poesia essencialista é um *sistema semiológico regressivo*; enquanto, o mito procura se expandir para um sistema factual, a poesia busca se retrair para se tornar um sistema essencialista.

Contudo, Barthes não levanta a hipótese de que haja outra natureza no mito, além da citada acima. Aceitando o aporte de Campbell, quiçá alguns mitos não se pretendam tão perniciosos; mas, ao contrário, pretendam reconciliar os indivíduos com a vida, a partir de um essencialismo. Talvez, a essência dos mitos na ótica de Campbell assumam o tal estado pré-semiológico pretendido pelo sistema poético, conforme explicou Barthes (2006, p.225). Talvez, por isso, encontramos mitos tão semelhantes em extremos da humanidade. Já que, eles estariam voltados para uma essência anterior; que antecede a semiologia. Como se alguns dos mitos anunciados pela linguagem estivessem interessados no retorno para a essência pré-linguístico.

## **Conclusão**

Após a explanação do monomito para Campbell e do sistema mítico de Barthes, pode-se afirmar sem hesitação que há a presença do mito em Homem-Aranha. O personagem é composto por mitos diversos, ao passo que os compõe. A assunção possibilita encarar o universo dos super-heróis com maior respeito. Elimina-se aqui a dúvida que possa haver sobre idoneidade das histórias em quadrinhos. Contudo, estamos longe do desfecho.

Se, por um lado, enxerga-se o poder que pulsa dos quadrinhos e das suas narrativas, pelo outro surgem os questionamentos sobre a manifestação desse poder. Quais são os interesses que se apropriam do mito do Aranha? Como a ideologia utiliza o mito? O que o mito do Aranha diz sobre/para a nossa sociedade? Qual o papel das mídias para o sucesso do mito? Qual o limite do mito?

No entanto, rechaça-se qualquer solução breve para as problemáticas aqui inscritas. Estamos diante de um nó real, embora advindo da fantasia. Neste momento, tratar o fantástico como um problema de ordem menor; significa abandonar uma forma



de conhecimento sobre o mundo. Não podemos nos dar ao luxo de perdermos uma perspectiva.

### **Referências Bibliográficas**

BARTHES, Roland. **Mitologias**. 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2006.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.

\_\_\_\_\_. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1999.

CÉSAR, Gabriela Ribeiro; FREIRE, Ana Beatriz Gonçalves; YAMAMURA, Cássio Yuji. **Homem-Aranha: o Papel do Super-herói no Processo de Identificação**. In: XV CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE - INTERCOM, 2010.

JENKINS, Paul; RIVERA, Paolo. **Mitos Marvel**. Barueri: Panini Comics, 2009.

MARNY, Jacques. **Sociologia das histórias aos quadrinhos**. Porto: Civilização, 1970.

MARVEL. **Characters: Spider-Man**. Disponível em:

< <http://marvel.com/characters/bio/1009610/spider-man> > Acesso em: 17 abril. 2013. 2006